

## TRAGÉDIA NO SUL

# Base Aérea vira polo logístico

Doações de Brasília são triadas antes de seguir para o Sul, onde aviões da FAB começaram a lançar mantimentos de paraquedas

» MAYARA SOUTO

Galpões abarrotados de engradados de água, roupas, cestas básicas, cobertores, ração animal, produtos de higiene e limpeza, entre outros mantimentos, são o reflexo da solidariedade dos brasileiros. As bases da Força Aérea em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo receberam, até ontem, 1,1 tonelada de doações aos gaúchos que enfrentam a maior tragédia ambiental da história do Rio Grande do Sul.

“Eu participei de várias operações, comandeí o resgate de Wuhan, na China, e outro na Turquia, mas isso aqui não tem nada parecido. Se você for nos mantimentos, vai encontrar saco de arroz de Goiás, macarrão de São Paulo, erva-mate que era do Sul, veio para cá e vai voltar para lá. Tem material de todos os lados do Brasil. É uma ação linda”, conta o comandante da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Marcelo Damasceno, que é gaúcho.

A Operação Taquari 2 foi ativada pelo Ministério da Defesa em conjunto com governo do Rio Grande do Sul, Defesa Civil, Marinha e Exército. A ação encampa os resgates de atingidos pelas chuvas e a logística de recebimento e transporte dos donativos.

O capitão Breno Rodrigues, oficial de comunicação da Base Aérea de Brasília, explica que, inicialmente, uma estrutura foi separada para coletar os mantimentos que chegavam de voluntários. No entanto, foi necessário abrir outros dois locais para armazenamento, diante da quantidade de material doado.

Ed Alves/CB/DA.Press



Interior de um dos galpões da Base Aérea de Brasília: ritmo frenético para organizar a grande quantidade de doações dos brasileiros

“É uma emoção muito grande. Ano passado, quando teve as enchentes, o meu pai doou dinheiro, roupa e tudo que ele pôde. Ele não está aqui mais, faleceu em fevereiro. Essa mobilização que eu fiz com a minha mãe e amigos é algo muito importante porque me lembra o que ele me ensinou. Me comove muito porque é meu estado, meu povo, minha família”, conta, emocionado, João Pedro Feltrin, 18 anos, que tem pai e mãe gaúchos. Ele e os amigos arrecadaram 38 cestas básicas, 500kg de feijão da fazenda de um parente e 538

litros de água. João, que tem família em Canoas e em Porto Alegre, lamenta que um dos primos perdeu tudo na enchente.

Tudo que é doado passa, primeiro, por uma triagem, antes de seguir para os galpões de armazenagem. Lá, as doações são setorizadas e empilhadas em pallets de alumínio, antes de seguir para as aeronaves cargueiras. Centenas de militares trabalham das 6h às 23h para separar e carregar todos os itens. De acordo com o capitão, o destino das doações é definido pelo comando que está na área das enchentes.

Neste momento, a maior quantidade de doação em Brasília é de água mineral, que recebe tratamento prioritário de embarque.

O **Correio** acompanhou o carregamento de 1,5 tonelada de cestas básicas e medicamentos, como insulina e medidores de glicose, em um dos aviões da FAB. A Base Aérea funciona como uma espécie de “funil”, segundo o comandante Damasceno. “Nós vamos alimentando o funil e, lá na ponta, no Sul, o ministério, junto com a Defesa Civil, vai definindo a necessidade de suprimentos.”

## Operação de guerra

Marcelo Damasceno informou ao **Correio** que começou, ontem, uma operação de “ressuprimento aéreo” — lançamento de mantimentos por paraquedas — nas áreas que estão isoladas, primeiramente na região metropolitana da capital. Foram lançados colchonetes, comida, água e medicamentos. “É uma operação muito bonita de se ver. Dá uma sensação boa de receber esperança vindo do céu. O mesmo céu que mandou chuva está mandando água de outra forma,



**Nos mantimentos, encontramos arroz de Goiás, macarrão de São Paulo, erva-mate que era do Sul, veio para cá e vai voltar para lá. Tem material de todos os lados do Brasil. É uma ação linda”**

**Marcelo Damasceno,**  
comandante da Aeronáutica

agora. Nós fazemos na Amazônia, nas comunidades indígenas, fazemos na Antártica, como apoio à Marinha. Do ano passado para cá, fizemos 944 lançamentos na Amazônia. Essa, agora (no Rio Grande do Sul), é a maior operação de ressuprimento aéreo da história da humanidade depois da Segunda Guerra Mundial”, declarou.

Há a previsão de iniciar o envio terrestre a partir de amanhã, quando uma frota de caminhões deixará Brasília com carregamento para o Sul. O comandante Damasceno aproveitou para reforçar a necessidade de mais doações “até a última ponte ser reconstruída, até a última casa ser refeita”.

“A gente sempre se une muito na alegria, mas, na tristeza, na desgraça, criamos uma união que não perdura apenas dois dias depois que a gente ganha uma Copa do Mundo, essa vai ficar para sempre”, finaliza. **(Leia mais sobre donativos na página 13)**

Esquadrão Pampa/FAB



A Base Aérea de Canoas pode ser uma das alternativas para a aviação civil

## Nove aeroportos vão receber passageiros

» RAPHAEL PATI

O Ministério de Portos e Aeroportos (MPor) anunciou, ontem, um plano emergencial para a retomada dos voos comerciais ao Rio Grande do Sul, após a interdição do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, por tempo indeterminado. A ideia é que, a partir da semana que vem, haja um aumento no número de voos em sete aeroportos públicos ou bases aéreas do Rio Grande do Sul e dois de Santa Catarina.

A primeira fase do plano é aumentar em 13 mil o número de passageiros que frequentam os terminais gaúchos de Caxias do Sul, Santo Ângelo, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria, Uruguaiana e Canoas. Também haverá reforço

na malha aérea dos aeroportos catarinenses de Florianópolis e Jaguaruna. Assim, o ministério pretende chegar a 116 voos semanais nesses aeroportos.

A presidente da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear), Jurema Monteiro, ressaltou que a oferta de voos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina levarão em conta os aspectos sociais e financeiros da população. Segundo o ministro Costa Filho, a Azul Linhas Aéreas confirmou voos diretos ao Rio Grande do Sul a partir de São Paulo, Campinas e Curitiba.

Além do governo federal, outros agentes estão envolvidos na retomada dos voos e na ajuda humanitária à região. A Infraero enviou 14 colaboradores para ajudar na operação do Aeroporto de Caxias do

Sul. Também se colocou à disposição para auxiliar outros aeroportos no estado. A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) autorizou o transporte para operadores aéreos privados, agrícolas e de táxi-aéreo, e zerou as tarifas aeroportuárias para voos com ajuda humanitária.

Na fase inicial do plano, as cargas transportadas pelas companhias privadas com destino ao Rio Grande do Sul vão ser, prioritariamente, de doações para a população impactada pelas chuvas. As empresas estão fazendo o transporte dos donativos gratuitamente. Até ontem, cerca de 50 toneladas de carga foram transportadas pelo modal aéreo.

O Aeroporto Salgado Filho está fechado desde o dia 3. As companhias suspenderam os voos

regulares até 30 de maio, mas não há previsão para a reabertura do terminal nesse prazo. O ministro Costa Filho disse que é preciso esperar a redução do nível de água para fazer uma avaliação das condições do terminal, juntamente com a concessionária que administra o aeroporto — a alemã Fraport —, e calcular o prejuízo causado pelas inundações.

“É uma situação delicada. A gente está com toda a área da pista — iluminação e pátio — completamente com água, e toda a parte interna do aeroporto também”, ressaltou. Antes da pandemia, o fluxo médio anual de passageiros no terminal era de 8 milhões de passageiros. Em 2022, 6,6 milhões de viajantes passaram pelo aeroporto.

## PODCAST DO CORREIO

# “Meio ambiente não pode ser refém de ideologias”

» VITÓRIA TORRES\*

Convidado do PodCast do **Correio**, o deputado federal Amom Mandel (Cidadania-AM) foi o mais votado do Brasil, proporcionalmente, nas eleições de 2022. Na conversa com Mayara Souto e Vitória Torres, ele falou, entre outros temas, das ações do governo federal para prevenir desastres ambientais. Uma das áreas críticas apontadas pelo deputado é a gestão das mudanças climáticas, em que aponta “desorganização” e a falta de um “choque urgente” para lidar com a crise ambiental. Ele também criticou a falta de políticas mais efetivas para a Região Amazônica.

“Na pauta das mudanças climáticas, o governo está desordenado, desorganizado e precisa ter um choque. Se a gente quiser salvar da crise climática, o governo

precisa acordar. Agora estamos vendo esse efeito no Sul do Brasil, porém, no ano passado, já aconteceu no Amazonas e ninguém percebeu. A Amazônia é invisibilizada. Poucos políticos avançam nas necessidades que a Amazônia tem”.

O deputado destacou também a importância de o Parlamento atuar com assertividade nas questões ambientais, que devem ser discutidas de forma técnica.

“As pautas ambientais não deveriam ser tratadas de maneira ideológica. O meio ambiente deve ser uma preocupação de todos, independentemente de ser de esquerda ou de direita. Politizar essa disputa, politizar a ciência, é um absurdo que só traz prejuízo. Essa pauta não deve ser refém de ideologias partidárias”, disse.

Sobre a tragédia climática no Rio Grande do Sul, o deputado

ressaltou que a possibilidade já havia sido prevista há quase uma década em um relatório do Ministério do Meio Ambiente, que foi negligenciado. Ao discutir a política pública para prevenir desastres semelhantes em outras regiões do Brasil, Amom explicou a necessidade de planos bem formulados, o que não tem acontecido no Amazonas, que enfrenta regularmente secas e enchentes, servindo como um “para-choque” para o resto do país. E levantou o problema das pessoas com deficiência que enfrentam o drama das enchentes no Sul.

“Não é de hoje que as mudanças climáticas são uma realidade. Nós temos no nosso mandato iniciativas como o plano de adaptação das mudanças climáticas envolvendo as pessoas com deficiência (PCDs). Falam sobre energia elétrica, água potável, mas não vemos, no caso

Ed Alves/CB/DA.Press



Para Amom Mandel, pessoas com deficiência devem ser priorizadas

do Rio Grande do Sul, a destinação adequada de equipamentos para resgatar cadeirantes ou um mapeamento para sabermos onde estão para que possamos resgatá-los em tempo suficiente. Essas pessoas, por uma questão social e racial, são esquecidas nas estratégias de habitação e mitigação das mudanças climáticas”, afirmou.

Em relação à preservação da Amazônia, Mandel afirmou que transformar Manaus em uma cidade globalmente reconhecida é uma vantagem não apenas para o Brasil, mas para o mundo. Para o deputado, a invisibilidade da Amazônia está ligada à ausência de ações efetivas para mitigar os impactos das mudanças climáticas



Aponte a câmera para o QR code e assista o Podcast na íntegra

na população local, especialmente os mais vulneráveis, como as comunidades ribeirinhas.

“O que está acontecendo no Rio Grande do Sul também aconteceu duas vezes no Amazonas. Uma com enchentes que fizeram com que pessoas tivessem que deixar suas casas, não na mesma proporção, mas na mesma gravidade. Todos os anos tem cidades que precisam ser evacuadas no Amazonas e ninguém fala sobre isso. O Amazonas vive isso com uma frequência muito maior”, contou.

\* Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria